

✦ AUTORA MULTIPREMIADA ✦

ONJALI Q. RAÚF

A Estrela
QUE Vejo da
MINHA
Janela



booksmile

«Uma história brilhante!»

THE GUARDIAN

Da mesma autora:

Ler+
PLANO NACIONAL
DE LECTURA

ONJALI Q. RAÚF
O Rapaz
do Fundo
da Sala

ANTES DE LEVANTARMOS VOO...

Esta história foi escrita para toda a gente.

Mas é também uma história que pode angustiar ou perturbar quem estiver a viver ou a assistir a um ambiente abusivo em sua casa, tendo por isso de ser especialmente forte e corajoso.

Se for esse o teu caso e te preocupar o facto de alguém que conheces estar a ser vítima de maus-tratos, consulta as últimas páginas do livro para ficares a saber mais sobre as pessoas que estão prontas, e mais do que prontas, para te ajudar a ti e àqueles que amas. Seja qual for o teu tamanho — e o daqueles que amas.

Com todo o nosso carinho
e toda a nossa poeira cósmica...

VILA DE



WAVERLEY



CIDADE DE OXFORD



TETSWORTH



CHILTERN

SLOUGH



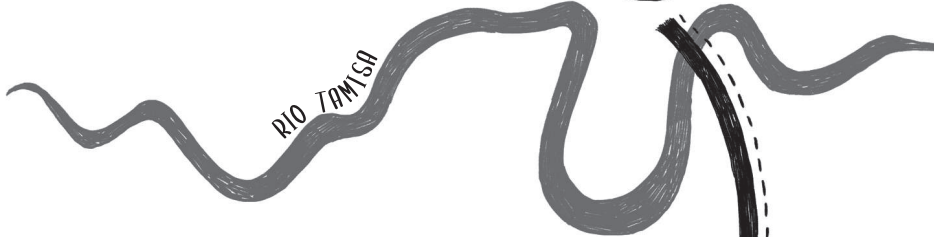
MAPA DO PERCURSO DE BICICLETA



Da vila de Waverley para Greenwich



118 QUILÓMETROS



RIO TAMISA

OBSERVATÓRIO REAL
(DE CAÇADORES DE ESTRELAS)
DE GREENWICH





Palácio de Buckingham
Shard

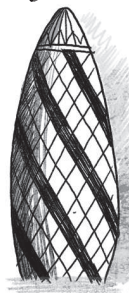
Big Ben



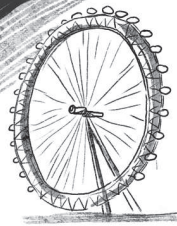
Catedral
de São Paulo



O Gherkin

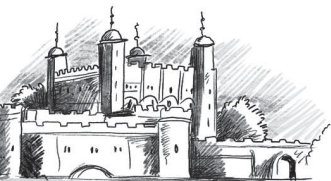


Tower Bridge



London Eye





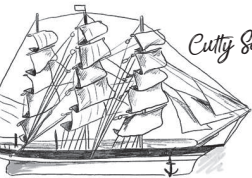
Torre de Londres



Túnel
Pedonal
de Greenwich



Museu
Marítimo
Nacional



Cutty Sark



Casa da Rainha



Observatório Real
de Greenwich



*Para a minha tia, Mumtahina (Ruma) Jannat,
cuja estrela fica ao pé da Lua.*

*Para os dois raios de luz que ela foi obrigada a deixar,
e para todas as crianças que sobrevivem
aos impactos da Violência Doméstica*.*

E para a minha mãe e o Zak. Sempre.

* A autora desta história não gosta de associar o termo «Doméstica» à palavra «Violência». Isto porque o termo «Doméstica» pressupõe que a violência que acontece dentro de casa deve permanecer privada, mesmo quando é crime, o que leva a que muitas pessoas tenham vergonha de fazer queixa. No entanto, uma vez que este é o termo predominante, optou por usá-lo neste livro, por motivos de clareza.

Буди скроман, јер си створен од земље.
Буди племенит, јер си направљен од звезда.

Sê humilde, pois és feito de terra.

Sê nobre, pois és feito de estrelas.

PROVÉRBIO SÉRVIO (ATRIBUÍDO)

*Determinado como um asteroide a arder, flamejando
pelos céus.*

HUGO REES (10 ANOS, POETA, ESCOLA DE CRANMORE)

ÍNDICE

1. Um mapa estelar	15
2. As regras da casa de acolhimento	23
3. O fenómeno no céu	37
4. A estrela da minha mãe	48
5. O maior concurso da galáxia	62
6. As partidas do tempo	75
7. A detetive secreta	89
8. A missão ultrassecreta da meia-noite dos caçadores de estrelas!	99
9. Duas caras	117
10. O dia perdido	127
11. O tigre, o guarda-roupa e a bruxa	138
12. A fuga não-tão-secreta	154
13. O longo caminho para a Via Lógica	161
14. A noite dos quatro contos	174
15. Artigos estranhos e suspeitos	187
16. Notícia de última hora!	203
17. Por cima e por baixo do chão de Londres	213

18. Estibordo	223
19. Passar a linha negra e fina	231
20. Um trabalho de loucos	239
21. A maior estrela de Hollywood	247
22. O ladrão que roubou uma vida	256
23. As sete irmãs	267
24. A estrela que vejo da minha janela	278

Um sincero agradecimento por contribuíres
para a Herstory 287

O que é a violência doméstica? 288

Alguns factos e questões que os computadores
humanos poderão explorar... 289

As estrelas nesta história 290

Nota da autora 291

Se fores um pequeno sobrevivente... 293

Para os mais crescidos... 294

Agradecimentos 295



UM MAPA ESTELAR

Sempre quis ser uma Caçadora de Estrelas.

Toda a gente lhes chama astrónomos, mas eu acho que «Caçadora de Estrelas» soa muito melhor, por isso é o que chamo àquilo que serei. Mas não vou ser uma caçadora em busca de estrelas antigas. Eu quero descobrir as novas: as acabadas de nascer, que andam à procura das pessoas que deixaram. Li uma vez num livro da biblioteca que as estrelas podem brilhar durante milhões e biliões, e até mesmo triliões de anos. Espero que isso seja verdade, porque há uma estrela que eu nunca quero que deixe de brilhar. Ainda não sei onde está, mas sei que anda por aí algures, à espera de que eu a encontre.

Na casa verdadeira onde vivia com os meus pais, tinha no meu quarto três prateleiras inteiras cheias de livros, e pelo menos metade deles eram sobre estrelas e viagens espaciais. As paredes e o teto estavam cheios de pósteres e estrelas que brilhavam no escuro, que os meus pais me tinham comprado depois de eu pedir muito. Mas o melhor do meu quarto era um globo celeste muito especial, que

tinha mesmo ao lado da cama. De muito longe, parecia um globo terrestre, mas não era. Era um globo do céu noturno que, quando se acendia, em vez de países e oceanos, fazia brilhar todas as constelações de estrelas que se possa imaginar. Sempre que o acendia, mostrava uma nova constelação, e eu sabia-as todas de cor. É por isso que não vou ter dificuldade em descobrir estrelas novas quando for caçadora de estrelas: quando conhecemos uma imagem de trás para a frente, sabemos logo quando há algo de novo nela.

Quem que dera que a minha mãe não se tivesse esquecido de embalar o globo celeste. Às vezes tenho tantas saudades dele, que me pergunto se algum dia vou deixar de ter. Ainda mais agora, que eu e o Noah tivemos de nos mudar para o sítio estranho onde estamos a morar.

Há dois dias que aqui estamos e, apesar de a casa ser muito mais agradável do que aquela em que tivemos de nos esconder com a mãe, não sei bem se gosto de cá estar. Há por aqui muitos barulhos assustadores. As tábuas do chão rangem mesmo não estando lá ninguém, há coisas invisíveis a bater nos vidros da janela à noite, como se quisessem entrar, e ouço ruídos baixinhos atrás das paredes. O Noah, o meu irmão mais novo, acha que a casa está assombrada. Fica com tanto medo à hora de dormir, que tenho de o fazer deitar-se com a cabeça por baixo dos cobertores e de o abraçar com força até que adormeça. O Noah só tem 5 anos. Não faz mal uma criança de 5 anos ter medo de fantasmas, mas é um bocado parvo uma de

io acreditar neles, por isso eu não acredito. Por muito que os ruídos me deem vontade de me esconder com ele debaixo dos cobertores.

Mas não são só os barulhos que tornam esta casa estranha: são também as pessoas que aqui moram.

Há um rapaz chamado Travis que não fala. Tem 11 anos, é alto e magro, e parece uma banda elástica demasiado esticada. Tem dentes muito salientes por causa do aparelho prateado que usa e uma boca que mais parece ter sido invadida à toa por andaimes de construção. A maioria do tempo, limita-se a olhar para mim com os seus enormes olhos cinzento-acastanhados, esbugalhados como bolas de pingue-pongue. Não gosto que as pessoas fiquem a olhar para mim. Começo a ficar com as bochechas vermelhas e a ter vontade de fugir. Mas ele não para de olhar, mesmo quando eu também fixo o olhar nele.

Depois há o Ben, que tem imenso cabelo preto e fofinho que lhe parece ter sido posto na cabeça por uma colher de gelado gigante. Tem 10 anos, como eu, olhos muito castanhos que parecem fazer-nos milhares de perguntas e uma borbulha redonda e reluzente na bochecha esquerda, que ele espreme quando acha que ninguém está a ver. Anda sempre com uma camisola com capuz do Newcastle United, que veste ao contrário, e come pipocas e batatas fritas do capuz como se fosse uma tigela. O Ben diz coisas estranhas e faz-me todo o tipo de perguntas, como se fosse um detetive de uma série de televisão e eu fosse a criminosa. Perguntas como «Então, porque é que

estão aqui?», ou «Vocês também têm de ser adotados?», ou «Bolas carambolas, Aniyah! Não gostas de filetes? Posso comê-los eu?» Detesto que me façam perguntas quase tanto como detesto que fiquem a olhar para mim, principalmente quando não sei as respostas e a voz não me sai. Por isso, quando ele me pergunta alguma coisa, olho para o chão e encolho os ombros.

E depois há a Sophie. Tem 13 anos, o que faz dela a mais velha de nós, apesar de ainda ser mais baixa do que o Travis. Tem cabelo ruivo, liso e comprido, e exatamente 27 sardas castanhas à volta do nariz. Contei-as mal a conheci, porque gosto de sardas. Acho que as sardas e as estrelas têm quase o mesmo aspeto — minúsculas pintas flamejantes —, e é divertido tentar ver que formas fazem. Quem me dera ter sardas, mas não tenho nem uma. Se eu e a Sophie fôssemos amigas, dizia-lhe que as sardas dela formam uma baleia azul ou um barco com três velas, dependendo da forma de as unir. Mas a Sophie não gosta de mim nem do Noah, por isso acho que nunca lhe hei de dizer isso. Sei que ela não gosta de nós porque, sempre que a Sra. Iwuchukwu não está a ver, nos lança olhares de ódio e fica com os olhos em fresta e os dentes cerrados. Aqueles olhares fazem-me sempre ficar com as mãos e os pés enregelados.

A Sra. Iwuchukwu é a dona da casa em que estamos a viver, e é um dos adultos mais estranhos que já vi. Usa uma enorme quantidade de colares, pendentes e pulseiras, de maneira que, quando se mexe, faz imensos barulhinhos que lembram berlindes dentro de um saco. Sorri tanto,

que penso que deve andar sempre com as bochechas a doer. Nunca vi ninguém sorrir tanto quanto ela. Na maior parte das vezes, ponho-me a olhar em volta para ver o que está a fazê-la sorrir, porque, normalmente, para sorrirmos, é preciso que haja um motivo. Mas a Sra. Iwuchukwu não parece precisar de um motivo. Quando a conheci, pensei que era a mãe do Ben, porque tinham o mesmo tipo de cabelo, forte e volumoso, e exatamente o mesmo tom de pele. Ela tem lábios cor-de-rosa brilhantes, usa imensa sombra com purpurina à volta dos olhos, que são castanhos, e tem um sotaque que tanto dá a impressão de que está a cantar, como de que está a ralar. Mas ainda não sei se eu e o Noah gostamos dela. De qualquer forma, temos de tentar, assim como temos de tentar que ela goste de nós, porque, agora que todos desapareceram, ela é a única pessoa que nos pode manter juntos. É o que fazem as mães de acolhimento: mantêm crianças como eu e o Noah juntas quando os pais delas desaparecem.

Até há duas noites, não sabia o que era uma mãe de acolhimento. Acho que não precisava de saber, porque antes tinha uma mãe de verdade. Mas, quando a minha mãe partiu, apareceu uma mulher alta, de fato preto, e dois agentes da polícia, que nos disseram que tínhamos de ir para uma casa de acolhimento, onde iríamos conhecer a nossa nova mãe de acolhimento. Não gostei da palavra «acolhimento»: parecia referir-se a coisas a fingir, coisas que tentam fazer crer que são nossas, quando na

verdade não são. O Noah também não gostou de ouvir aquilo e desatou logo a chorar e a gritar aos soluços.

O Noah só fica com soluços quando se sente muito assustado. A minha mãe disse que eu tinha de tomar conta dele para sempre, por isso, quando ele começou a chorar e a soluçar à frente dos polícias e da senhora de fato, tentei dizer-lhe com os olhos para não ter medo, porque eu estava ali para o proteger. Mas acho que ele não viu as minhas palavras em forma de olhar, porque, durante todo o tempo em que fomos no banco de trás do carro da polícia e durante toda a noite, não parou de chorar e soluçar. Gostava de lhe ter conseguido dizer coisas boas com palavras a sério, em vez de palavras invisíveis, mas fiquei sem voz quando ouvi a minha mãe partir e deixar-nos, e assim continuo. Acho que vou voltar a ter voz quando souber com toda a certeza onde é que a minha mãe está.

É por isso que não posso esperar até ser adulta para me tornar caçadora de estrelas: tenho de ser caçadora agora, para descobrir em que parte do céu é que a minha mãe está neste momento. Todas as estrelas no céu têm um nome e uma história, e as estrelas muitíssimo especiais passam a fazer parte de uma constelação e, assim, de uma história ainda maior. Sei isso porque a minha mãe me contou mesmo a verdade acerca das estrelas depois de vermos juntas *O Rei Leão*.

O Rei Leão é o meu filme de animação preferido de todos os tempos. A minha mãe deixava-nos vê-lo, a mim e ao Noah, sempre que o meu pai chegava a casa do trabalho

e tinha de se pôr a arrastar móveis pela casa. A minha mãe piscava o olho e trancava a porta, depois pegava no comando e dizia «Vamos deixar o mundo de lado, boa?» Às vezes, o meu pai batia com força na porta e chamava-a, e então ela deixava-nos a ver o filme sozinhos, mas nós não nos importávamos. O Noah gostava especialmente do Timon e do Pumba e, sempre que eles apareciam, punha-se a rir e a dançar.

Mas a minha parte preferida é aquela em que o pai do Simba lhe diz que todos os grandes reis leões do passado estão a olhar do alto das estrelas e que, por causa deles, ele nunca terá de se sentir só. A primeira vez que ouvi o pai do Simba dizer aquilo, perguntei à minha mãe se só os reis podiam tornar-se estrelas. Não me parecia justo que as rainhas não pudessem ser estrelas também, e quis saber o que acontecia se não conhecêssemos ninguém que fosse rei ou rainha. Ficávamos sozinhos para sempre? A minha mãe olhou para mim com os seus olhos cor de chocolate e franziu a testa. Ficou algum tempo a pensar na minha pergunta e depois disse que era evidente que as rainhas também se transformavam em estrelas. E que, além disso, as pessoas normais com um grande brilho no coração também se tornavam estrelas, das maiores que há no céu. Maiores ainda do que as estrelas de reis e rainhas! Por isso, toda a gente devia conhecer pelo menos uma das estrelas que nos olham do alto.

Ainda bem que minha mãe me disse aquilo, porque, se não tivesse dito, eu não saberia que som foi aquele que

se ouviu quando ela nos deixou para se transformar numa estrela.

Assim que o Noah adormecer e os braços dele amolecerem o suficiente para me largarem, vou fazer um mapa de todas as estrelas que consigo ver da janela. Vou trabalhar nele todas as noites, até encontrar todas as estrelas novas no céu. Tenho de encontrar a estrela mais nova e mais brilhante de todas, porque essa é que é a minha mãe. Hei de saber quando a vir, porque, de todas as pessoas que já conheci, ela tinha o maior e melhor coração de todos. E as pessoas com corações assim nunca vão parar à terra: vão parar ao céu.



AS REGRAS DA CASA DE ACOLHIMENTO

Apesar de ser o nosso terceiro dia na casa de acolhimento, nos primeiros segundos após acordar, esqueço-me de que a minha mãe partiu, que o meu pai não consegue encontrar-nos e que já não estou em casa, no meu quarto. Mas depois os meus olhos começam a ver bem e o meu cérebro começa a lembrar-se de tudo, e então tenho vontade de nem ter acordado. Volto a fechar os olhos com muita força e agarro o medalhão de prata que tenho ao pescoço. Adoro o meu medalhão, é redondo e brilhante, com linhas que se enleiam umas nas outras. Os meus pais deram-mo quando fiz 7 anos e é a única coisa que ainda tenho que me faz lembrar os dois. É por isso que todos os dias de manhã, quando me lembro de que já não estão comigo, o agarro e fecho muito bem os olhos para depois os abrir outra vez: é para fazer uma surpresa aos meus olhos. Vi uma vez alguém fazer aquilo na televisão, para conseguir acordar de um pesadelo. Mas comigo não resulta, porque

a imagem não muda, o que significa que, afinal de contas, o pesadelo não é um sonho.

Mas isto não é a pior parte de acordar numa casa de acolhimento. O pior é partilhar a cama com o Noah e acordar com as pernas molhadas e pegajosas porque ele voltou a fazer chichi na cama. Eu sei que ele não consegue evitar e que só o faz porque sente medo, mas não deixa de ser chato. Eu podia ir dormir para a cama de cima do beliche, que é onde devia dormir, mas assim ia deixar o Noah sozinho. Por isso, tento dormir na borda da cama, para não ficar molhada, mas nunca resulta. Quando voltar a ter voz, acho que vou pedir um guarda-chuva.

Até agora, a Sra. Iwuchukwu ainda não ralhou com o Noah por fazer chichi na cama. Pelo contrário, age como se fosse a melhor coisa do mundo! Todas as manhãs, entra no nosso quarto e diz «Toca a acordar!», e põe-se a farejar como se fosse um coelho. Quando chega à cama, levanta os cobertores e diz «Ah-ah, está aqui!», como se, em vez de uma enorme poça de chichi, acabasse de encontrar uma coisa muito especial que andava a procurar. Ri-se e faz-nos sinal para sairmos da cama, e depois enrola os lençóis molhados em volta dos braços como se fosse algodão-doce e diz:

— Mais vale isso do que estar a aguentar! É a regra número um cá de casa: quando estamos aflitos, fazemos o que temos a fazer!

Ter autorização para fazer chichi na cama não é a única regra estranha nesta casa. A Sra. Iwuchukwu parece ter

uma série de regras completamente diferentes daquelas que tínhamos em nossa casa. Quando a senhora do fato preto e os policiais nos levaram para casa da Sra. Iwuchukwu, não disseram nada acerca das regras da nova casa. Em vez disso, não paravam de dizer «Vai tudo correr bem» e «Não tens nada com que te preocupar». Mas há muitas coisas que me preocupam. Por exemplo: e se eu nunca mais voltar para a escola e nunca mais vir os meus dois melhores amigos, o Eddie e o Kwan? Ou: o que faço se o Noah tiver fome a meio da noite e quiser ir lá abaixo à cozinha para tirar uma bolacha da caixa das bolachas, como costumávamos fazer em casa? Ou: quão grande é o interruptor da Sra. Iwuchukwu e o que é que temos de fazer para garantir que nunca fica virado ao contrário? A pergunta do interruptor é a mais importante de todas, porque sei que toda a gente tem dentro de si um interruptor que, se for virado, pode fazer com que se enfureça e nos magoe. Especialmente os adultos que trabalham muito, como o meu pai. A senhora do fato preto tinha dito que a Sra. Iwuchukwu se ia esforçar ao máximo para tomar conta de nós, por isso imagino que ela tenha um interruptor tão grande como o do meu pai. É por isso que tenho de saber todas as suas regras, para garantir que eu e o Noah não as infringimos.

Tenho ouvido muito atenta o que a Sra. Iwuchukwu diz e tenho observado o Ben, o Travis e a Sophie. Mas não é fácil perceber as regras de um sítio quando ninguém nos diz claramente quais são. É como ir para uma escola nova

sem saber o que pode fazer com que fiquemos de castigo. É por isso que gosto de estrelas. Lá em cima, no céu, as regras são sempre as mesmas e não é preciso que ninguém as diga. Podem nascer estrelas novas e as estrelas antigas que já não têm de olhar por ninguém podem extinguir-se, mas, de resto, as estrelas continuam exatamente no mesmo lugar por milhões de anos, e nunca, mas nunca, saem do sítio. Acontece que as pessoas não são como as estrelas. Não vêm com pontinhos brilhantes que podemos unir para saber ao certo quem são. Por isso, além de caçadora de estrelas, também tenho de ser caçadora de pistas e procurar pistas para perceber quais são as regras da Sra. Iwuchukwu e em que parte pode estar o interruptor dela. Todos os dias tenho aprendido novas regras. Isto é o que sei até agora:

Regra Número Um: podemos fazer chichi na cama sempre que quisermos, que ninguém vai gritar connosco nem fazer-nos ficar de pé a um canto.

Na verdade, a Sra. Iwuchukwu sorri tanto quando o Noah molha a cama, que acho que ele começa a pensar que não faz mal se também fizer chichi noutros sítios. Na noite passada, antes de ela nos chamar para tomar chá, o Noah perguntou se havia problema em levantar a perna e fazer chichi numa árvore, como fazem os cães no parque. Indiquei que não acenando com a cabeça, mas sei que, quando fomos dormir, ele ainda estava a pensar nisso, porque não parava de ver a altura a que conseguia levantar a perna enquanto olhava para o guarda-roupa do quarto.

Regra Número Dois: podemos chorar e gritar tão alto quanto quisermos, que a Sra. Iwuchukwu nunca nos vai dizer «Para com isso!», ou «Vê se cresces!», ou «Para de te portar como um bebé!»

O Ben chama ao Noah o «Campeão dos Gritos», porque ele passa a maior parte do tempo a gritar e a chorar. Mesmo quando está a tomar banho e não quer que a Sra. Iwuchukwu o lave por a Sra. Iwuchukwu não ser a nossa mãe, ou de manhã, quando ela o tenta ajudar a despir o pijama, e à noite, quando ela o tenta ajudar a vestir o pijama — e em todas as outras alturas do dia. Mas a Sra. Iwuchukwu não parece minimamente incomodada com os gritos dele. Limita-se a sorrir e a acenar com a cabeça, e diz:

— É isso mesmo, deixa os monstros sair, Noah! Não te esqueças de que podes chorar *tudo* o que quiseres, tão *alto* quanto quiseres e durante o *tempo* que quiseres. Desde que não comeces a sentir-te enjoado!

Em casa, os meus pais nunca o teriam deixado chorar e gritar durante tanto tempo, mas, agora que o pode fazer sempre que quer, acho que se está a fartar, porque já começa a chorar menos e a gritar mais baixo.

Regra Número Três: podemos sujar tudo quando estamos a comer, sem que ninguém ralhe connosco ou nos dê uma palmada na mão.

A Sra. Iwuchukwu não explicou propriamente esta regra, mas reparei nela no primeiro dia ao pequeno-almoço.

Em nossa casa, a minha mãe tinha sempre de nos ajudar a comer e cortava a comida muito pequenina, para que nenhum bocado caísse na mesa ou no chão, não fosse o meu pai estar com o interruptor virado. E às vezes, antes da escola, nos dias em que o meu pai tinha ficado a trabalhar muito no banco e, para conseguir dormir em paz, precisava que estivéssemos muito sossegados e limpinhos, a minha mãe dava-nos o pequeno-almoço embrulhado em papel de cozinha e tínhamos de o comer junto ao carro.

Mas, na casa de acolhimento, o Ben deixa cair migalhas por todos os lados quando está a comer, e depois ainda as espalha pela cara em vez de pedir desculpa. E o Travis tem autorização para pôr chocolate de barrar nas torradas sozinho, sem que ninguém se certifique de que está tudo certinho e limpinho e de que ele não entornou nada. E a Sophie pode pôr cereais de vários tipos na tigela, misturá-los e deitar o leite lá para dentro sem ajuda. Ao jantar, todos estão autorizados a pôr no prato o que quiserem e a comer o ketchup que lhes apetercer, que a Sra. Iwuchukwu nunca diz nada! Tudo coisas que eu e o Noah nunca podíamos fazer em nossa casa, por isso o Noah fica muito entusiasmado quando a Sra. Iwuchukwu nos chama para comer. Eu ainda não tenho grande apetite para comer como deve ser, mas, quando encontrar a estrela da minha mãe e a barriga deixar de me doer tanto, acho que é uma regra de que vou gostar.

Regra Número Quatro: pode ouvir-se música na cozinha, e isso faz com que os adultos pareçam ainda mais estranhos do que já são.

Sempre que está na cozinha, a Sra. Iwuchukwu liga um rádio vermelho-vivo que está no parapeito da janela ao lado de umas plantas e põe músicas sem letra, só com piano, violino e sons de orquestra. Depois fecha os olhos e põe-se a cantarolar bem alto enquanto dança pela cozinha e em volta da mesa, como se dançasse com uma pessoa invisível. Às vezes, pega no Travis e no Ben e fá-los dançar com ela.

A primeira vez que isto aconteceu, o Noah ficou tão assustado que não largou o meu braço, porque, em nossa casa, tudo tinha de estar sossegado e tranquilo para que o meu pai conseguisse pensar. Nunca vi a minha mãe a dançar nem a cantar. Nunca. Mas, quando a Sra. Iwuchukwu começou a fazer isso, o Travis sorriu e pôs-se também a cantar, a Sophie revirou os olhos, mas sorriu ao mesmo tempo, e o Ben aproximou-se de nós e disse:

— Não se preocupem, ela está sempre a fazer isto!

Não estava à espera de ficar a saber mais regras ao terceiro dia, porque, quando já todos tinham ido para a escola, a Sra. Iwuchukwu pôs-nos a fazer as mesmas coisas que tínhamos feito nos dois primeiros dias. Primeiro, deixou-nos ficar a desenhar e a pintar na sala até à hora de almoço e, nessa altura, pudemos ver meia hora de televisão. A seguir, leu-nos uma história e deixou-nos ir brincar para

o jardim até os outros voltarem da escola. Enquanto brincávamos no jardim, percebi que a regra da Sra. Iwuchukwu de que não faz mal sujar também era válida fora de casa, porque não ralhou com o Noah quando ele caiu e ficou com as calças cheias de lama. Em vez disso, disse:

— Que linda cor tem a terra, não achas, Noah? Vê bem os tons de castanho que aí estão!

Aquilo fez com que o Noah parasse imediatamente de chorar e se dobrasse para olhar com atenção para as manchas, como se nunca tivesse pensado nisso.

Depois de nos mandar para dentro e de vestir umas calças de pijama ao Noah, a Sra. Iwuchukwu bateu palmas e disse:

— Muito bem, Aniyah e Noah, ao terceiro dia é que é! O que vamos jantar? Uma lasanha vegetariana? Ou filetes com batatas fritas? Ou esparguete?

Esperou que respondêssemos enquanto nos fazia sinal para nos sentarmos à mesa da cozinha. Tinha posto sombra dourada brilhante nos olhos, o que fazia com que as suas pálpebras parecessem a areia na praia quando brilha ao sol.

O Noah disse alto:

— Esparguete! Eu quero esparguete!

— Vamos comer esparguete? — disse uma voz vinda do corredor.

Ao fim de alguns segundos, vimos o cabelo e a cara do Ben aparecer de repente pelo canto da porta da cozinha. A porta de entrada bateu e o Travis e a Sophie também

apareceram na cozinha a correr. Largaram todas as mochilas da escola no chão, menos a Sophie, que disse:

— Argh! Mãe, chama-me quando estiver pronto!

A seguir, foi lá para cima, para o quarto. Franzi a testa e fiquei a pensar como era possível que a Sra. Iwuchukwu fosse mãe da Sophie, se elas eram tão diferentes.

— Travis, esparguete parece-te bem?

Com um gesto de cabeça dirigido à Sra. Iwuchukwu, o Travis confirmou que sim e depois voltou-se para olhar para mim sem pestanejar.

— Aniyah?

O Noah adorava esparguete, por isso acenei com a cabeça, apesar de ainda não ter fome.

— Boa, vamos lá preparar grandes tigelas de esparguete para todos! Ben, vai lavar as mãos e depois tira a mozzarella, se faz favor... Aquela que está na embalagem... e corta em pedaços... Mas, antes, escorre o líquido todo. Travis, podes ir buscar folhas de manjerição. Preciso de cerca de... vinte. Vai, vai! — Depois, dirigiu-se ao parapeito da janela, ligou o rádio e o ar encheu-se de música. — Ah! Chopin! — disse alto, e começou a dançar.

Eu também queria ajudar, mas, como a voz não me saía, não consegui dizer isso a ninguém, por isso sentei-me e fiquei a ver com o Noah. Tem graça ver as pessoas a cortar coisas, ir buscar coisas, lavá-las e despejá-las ao som de música. É como estar a ver um filme que é real. Aquilo fez com que o Noah fosse batendo palmas enquanto brandia a faca e o garfo, fazendo-os dançar no ar.

Quando ficou tudo pronto, a Sra. Iwuchukwu chamou a Sophie para baixo. Ela ainda vinha com o uniforme da escola, o que me fez desejar que eu e o Noah ainda tivéssemos os nossos. Quis trazê-los do hotel-que-não-era-bem-um-hotel, mas a senhora do fato preto disse-nos para não os levarmos. Foi então que percebi que talvez não voltasse a ver os meus amigos nem a minha escola.

O Ben pôs um prato de queijo no centro da mesa. Era um tipo de queijo que eu nunca tinha visto, parecia um rolinho esponjoso de pão cortado em fatias grossas e redondas, mas era branco como giz. Para mim, era mais que certo que o queijo devia ser amarelo e não branco, por isso decidi logo que nunca havia de comer aquilo.

O Ben sentou-se no lugar dele e, depois de levar depressa a mão à borbulha que tinha na bochecha, como se para garantir que ainda ali estava, perguntou:

— Hoje vais comer, Aniyah? Porque é que nunca tens fome? Eu estou sempre esfomeado! Qual é o teu queijo preferido? O meu é este! Queres um bocado?

Empurrou o prato na minha direção. Eu abanei a cabeça e olhei para a Sophie. Estava sentada na outra ponta da mesa, ao lado do Noah, e estava a lançar-lhe outro daqueles olhares de ódio por ele estar a bater com a faca e com um carro de brincar na mesa. Nisto, chegou o Travis, que se sentou e ficou a olhar para mim sem pestanejar.

— Ben, podes calar-te um bocadinho e deixar os outros comer, por favor? — mandou a Sra. Iwuchukwu, chegando

com duas tigelas de esparguete muito vermelho e escorregadio, que pôs à minha frente e do Noah.

O Noah preparava-se para meter o garfo no esparguete, mas eu agarrei-lhe na mão e abanei a cabeça para lhe dizer que esperássemos até termos autorização.

— Sim, *Ben!* — murmurou a Sophie, assim que a Sra. Iwuchukwu voltou para a cozinha para ir buscar as restantes tigelas. — Achas que podes estar calado e parar de ser tão estúpido e *irritante?*

O Ben abanou a cabeça com um ar sério, mas, depois de um silêncio de exatamente três segundos, segredou:

— Aniyah! Tens de experimentar este pão de alho, é do melhor que há!

Estendeu o pão comprido na minha direção, mas eu não queria, então abanei a cabeça e voltei a empurrá-lo na direção dele.

— Vá lá! — insistiu o Ben. — Não se pode comer esparguete sem pão de alho! É sacra-religioso!

— Argh! És tão estúpido, Ben! Diz-se *sacrilégio!* — disse a Sophie, revirando os olhos como se não conseguisse acreditar que tivesse de se sentar à mesa com ele.

O Ben ignorou-a, voltou a empurrar o pão de alho na minha direção e o Travis pôs-se outra vez a olhar.

Eu queria dizer ao Ben que me doía a barriga e que tinha a garganta presa e que não queria comer nada, porque nada tinha o mesmo aspeto nem cheirava ao mesmo que a minha mãe costumava fazer, mas não consegui, por isso voltei a empurrar o pão. Mas, no momento em

que recolhi o braço, dei sem querer com o cotovelo na tigela de esparguete, que voou da mesa, deu uma volta no ar e caiu em cheio no chão!

TRÁS! PLOFT!

A tigela partiu-se imediatamente em duas partes, fazendo os fios de esparguete cheio de molho de tomate esparramarem-se nas pernas da minha cadeira e na parede azul atrás de mim. O chão parecia um animal atropelado com as tripas espalhadas por todo o lado...

Pus-me de pé num salto e ali fiquei, junto à cadeira, sem respirar e à espera de que gritassem comigo, com o corpo a começar a tremer como se tivesse sido mergulhado em gelo. Ouvi a Sophie fazer um som de estupefação e o Ben dizer «Ena mena!», enquanto o Travis olhava para mim de forma estranha. O Noah ficou com medo e começou a soluçar, que era o que lhe acontecia sempre que um de nós entornava alguma coisa em casa.

— MÃ-ÃE! Olha o que a Aniyah fez! — gritou a Sophie, enquanto se sentava direita. — Acabou de ATIRAR a tigela para o chão!

Olhei para a Sophie e depois para a Sra. Iwuchukwu, que estava na cozinha. Abri a boca para dizer que tinha sido sem querer, mas não saiu nenhum som. Não consegui dizer uma palavra.

— Aniyah, querida, tu *atiraste* a tigela? — perguntou a Sra. Iwuchukwu calmamente, enquanto se aproximava da mesa com ar de caso.

Abanei a cabeça outra vez.

— Olha que não gosto que me mintam, Aniyah — disse a Sra. Iwuchukwu, levantando as sobrancelhas. — É a regra de ouro desta casa. O que quer que aconteça e o que quer que tenham feito de mal, estejam ou não muito chateados, estão completamente proibidos de *alguma vez* me mentir. Vou perguntar outra vez: atiraste a tigela de propósito?

Voltei a negar acenando com a cabeça e tentei que as palavras saíssem, mas a minha voz ainda estava muito longe de mim.

— E-ela n-não fez de pro-propósito — disse o Travis. — Foi shem que-que-que-rer.

— Pois foi — confirmou o Ben, olhando nervosamente para a Sophie.

A Sophie olhou para o Travis e para o Ben com os olhos em fenda e depois abanou a cabeça e disse:

— Eles estão a mentir, mãe, porque não querem que ela fique de castigo! EU VI-A atirar a tigela. Vieste pôr-lhe a tigela na mesa, ela esperou que voltasses para a cozinha e, a seguir, pegou nela e atirou-a ao chão.

A Sra. Iwuchukwu inspirou fundo e, ao fim de alguns segundos, disse calmamente:

— Aniyah, vai lá para cima para o teu quarto, por favor.

O Ben franziu ainda mais a testa. O Travis ficou a olhar para a sua tigela. E o Noah começou a soluçar tão alto que fez a mesa tremer. Olhei para a Sophie e senti qualquer coisa arder-me no peito. Ela olhou-me de frente e fez um sorriso irónico — tão breve, que fiquei a pensar se tinha sido ilusão minha.

— Lá para cima agora, se faz favor, Aniyah — ordenou a Sra. Iwuchukwu e, ainda com cara de caso, começou a apanhar os pedaços de tigela do chão. — Olha, Noah, a Aniyah só vai para o vosso quarto para pensar um bocado no que fez, OK? Ela há de voltar quando estiver preparada para pedir desculpa por desperdiçar uma refeição tão boa. Não precisas de soluçar tanto, está bem?

O Noah continuou com ar assustado, mas, entre os soluços, acenou com a cabeça.

Eu queria gritar e bater em alguma coisa até que se partisse. Mas, em vez disso, olhei para o chão, afastei a cadeira e levantei-me. Ao sair da sala, olhei para trás e vi a Sophie a olhar para mim. Olhou-me bem nos olhos e fez outro sorriso invisível que só eu vi. Pensei se a regra de ouro da Sra. Iwuchukwu não seria também o seu interruptor e, se sim, por que razão estava a Sophie a virá-lo, pondo-me a mim do lado errado.

**Da autora do multipremiado *O Rapaz ao Fundo da Sala*,
chega-nos um livro doce e encantador. Uma história
mais que perfeita, contada pela voz de uma criança.**

A Aniyah só tem 10 anos, mas sabe que a mãe não desapareceu para sempre. As pessoas com os corações mais especiais nunca nos deixam de verdade: elas tornam-se estrelas

★ e brilham eternamente no céu. ★

Quando é anunciado o nascimento de uma nova estrela, a Aniyah tem a certeza de que aquela é a sua mãe.

E, ao descobrir que o Observatório de Londres criou um concurso para dar um nome àquele novo ponto brilhante, a Aniyah viaja secretamente para a capital inglesa, determinada a convencer toda a gente a dar à estrela o nome da sua mãe.

★ Acompanhada pelo pequeno irmão e dois novos amigos, a Aniyah embarca na maior aventura da sua vida. ★

Pelo meio, o grupo contará com a ajuda inesperada de uns esquilos gulosos e terá um encontro inesquecível com a maior estrela de Hollywood! ★

Conseguirá a Aniyah gravar o nome da mãe na História e eternizá-lo no céu? ★

★ ★ ★
Uma história que explora o impacto silencioso da violência doméstica, celebrando o enorme poder da esperança, da resiliência e da amizade. ★



booksmite
livros que saltam à vista

20|20 editora

ISBN 978-989-564-260-1

9+

9 789895 642601

Literatura Juvenil